



A Revista Brasileira de Música vista da correspondência de Mário de Andrade

*Flávia Camargo Toni**

Resumo

A correspondência de Mário de Andrade com Luciano Gallet e com Luiz Heitor Corrêa de Azevedo é aqui analisada com o intuito de acompanhar a história da fundação de três periódicos: a *Weco*, a *Revista da Associação Brasileira de Música* e a *Revista Brasileira de Música*. Partindo do pressuposto de que as redações das revistas espelhavam redes de sociabilidade, à semelhança daquelas observadas nos diálogos epistolares, analisa-se em que medida essa equivalência se opera entre os periódicos de música, colocando-se as seguintes questões: a respeito de que se fala nas cartas trocadas entre os secretários e diretores de redação e seus colaboradores; se os três musicólogos partilham experiências no campo do periodismo; e no caso particular do escritor paulista, que habitualmente compartilhava projetos de criação com os amigos, se é possível flagrar a gênese de seus artigos.

Palavras-chave

Periódicos musicais – epistolografia – redes de sociabilidade – musicologia no Brasil – história institucional.

Abstract

Mário de Andrade's correspondence with Luciano Gallet and Luiz Heitor Corrêa de Azevedo is analyzed with the intent of following the history of three periodicals: *Weco*, *Revista da Associação Brasileira de Música* and *Revista Brasileira de Música*. Considering that the writing of journals reflected sociability networks, like those observed in the epistolary dialogues, this study analyzes the extent to which the same equivalence operated among music periodicals, by posing the following questions: what did they talk about in the letters exchanged between editors and their collaborators; did the three musicologists share experiences in the field of journalism; and in the particular case of Mário de Andrade, who usually shared his creative projects with friends, if it is possible to catch the genesis of his articles.

Keywords

Music periodicals – epistolography – sociability networks – musicology in Brazil – institutional history.

* Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: flictis@usp.br.

Artigo recebido em 15 de maio de 2014 e aprovado em 30 de maio de 2014.



Um dos aspectos caracterizadores dos perfis biográficos dos músicos da primeira metade do século XX – músicos que não se dedicavam somente à performance ou à composição e ao magistério – foi a atividade periodística junto a jornais e revistas. O mesmo pode ser estendido aos intelectuais que se dedicaram à crítica de artes e à militância política, o que tem sido estudado. Ivan Marques, em recente análise dos periódicos da década de 1920, acredita que escritores e artistas professavam uma vocação para a crítica e a discussão teórica e que por isso estas publicações foram palco para a divulgação das novidades.

Sua importância [das publicações] ultrapassa o caráter efêmero das vanguardas e chega incólume aos leitores de hoje, que podem contemplar passo a passo, pedra sobre pedra, em sua real profundidade, esse imenso trabalho construtor – o modernismo em movimento. (Marques, 2013, p. 14)

Algumas áreas do conhecimento saíram à frente e estudaram a importância das revistas especializadas na passagem do século XIX para o século XX, período sintomático devido à modernização da fotografia e das conquistas tecnológicas no campo da impressão.

De fato, ao estudar a história política dos intelectuais franceses do início do século XX, Jean François Sirinelli já afirmara que em grupos estes homens e mulheres – aliás, até o momento estudou-se principalmente a atuação masculina – se organizavam ao redor de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum onde o gosto de conviver foi aguçado:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo ‘redes’ para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece. (Sirinelli, 2010, p. 248)

Meio intelectual com tais características encontrou paralelos entre os moços de São Paulo e do Rio de Janeiro, aqueles que se articularam em torno de manifestações coletivas como os encontros em salões da sociedade, freqüentaram as saletas de bate papo das livrarias, ou as redações de jornais¹.



Há basicamente duas correntes de estudos, uma voltada para as inter-relações entre os homens que construíram estes periódicos, e uma que estuda mormente as características físicas e de conteúdo destes veículos, em que pese elas nunca contemplarem estes aspectos isoladamente. Um exemplo é a tese de Ana Luíza Martins que, em *Revistas em Revista*, anuncia no subtítulo o que se propôs a estudar: *Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República: São Paulo (1890-1922)*. O recorte cronológico compreendeu a comemoração do centenário da Independência do Brasil e os festivais da Semana de Arte Moderna realizados em São Paulo, o primeiro marco nos estudos do periodismo do século XX, como será visto adiante. A tese foi exaustiva e, na edição em livro, contou com inúmeras ilustrações que se distribuem ao longo das duas partes do texto. Nos quatro primeiros capítulos a autora reviu a bibliografia brasileira a respeito, desde o conceito da palavra e as mais antigas publicações seriadas até as formas de comercialização dos exemplares mais disputados. Na segunda parte Ana Luíza estudou as revistas classificadas de forma temática, como as femininas, as infantis, as pedagógicas, para mencionar algumas. Não há nenhum título dedicado à música, o que não significa que nenhum dos títulos estudados divulgasse noticiário a respeito. Entre as revistas que traziam seções esportivas, por exemplo, alguns subtítulos prometiam focalizar também matérias pouco afeitas às quadras, espaços abertos ou vida ao ar livre. *A Ilustração Brasileira* se comprometia a tratar de “Literatura, Teatro, Música, Pintura, Política, Sociologia, Medicina, Jurisprudência, Ciências Ocultas, Indústrias, Sport, Religião”; *A Cigana* incorporava artigos sobre “Literatura, Humorismo, Artes, Sociais, Esportes”.

Os intelectuais normalmente recorriam a mais de um título de periódico para se manterem atualizados e Ana Luíza Martins discutiu a questão, analisando as revistas de arte e cultura, do período de 1877 a 1939, da biblioteca que pertenceu a Mário de Andrade. Nascido em 1893, em meados da década de 1910 o escritor e musicólogo já despertara vocacionalmente e elegera, portanto, leituras vinculadas a seus campos de interesse. Em termos numéricos a década de 1920 está melhor representada em sua coleção, assim como dentre as origens das revistas que ele lia destacam-se França, Alemanha e Itália. A autora, no entanto, não incluiu os periódicos de música juntamente com os periódicos de arte por ela estudados. (Martins, 2008, p. 107) Antecedendo as “Considerações Finais” o último capítulo da tese encerra com a reprodução da capa do primeiro número de *Klaxon* e o título da legenda é eloqüente: “Numa Revista, a Configuração da Modernidade” (Martins, 2008, p. 552). Este também foi um dos pontos de vista defendidos por Mário da Silva Brito (1976) quando escreveu a Introdução da edição fac-similar de *Klaxon*, um dos periódicos mais celebrados do modernismo brasileiro. E ainda uma vez, apesar de nas primeiras páginas do exemplar de número 1 a revista trazer o artigo de Mário de Andrade, “Pianolatria”, apesar da música ser uma constante nos demais exemplares, a publicação não era especializada na matéria. No



entanto, é preciso destacar que muitos de seus colaboradores participarão de *Ariel*, voltada para a música, bem como de outras revistas emblemáticas do periodismo do entre guerras.

No campo da música o estudo do periodismo tem em Luiz Heitor Corrêa de Azevedo um marco quando, em 1939, analisou artigo de Moreira da Silva. O dado, significativo – tendo em vista o próprio Luiz Heitor ter sido o fundador da mais longa publicação da área, a *Revista Brasileira de Música* – não passou despercebido de Paulo Castagna quando em 2006 estudou os periódicos da área.

Na verdade, seguindo uma das vertentes de estudos citadas acima, os musicólogos e historiadores têm recorrido mais ao estudo dos periódicos focalizando situações específicas dentro de cada título, do que a análises panorâmicas. Eis os casos das teses de Nívea Maria da Silva Andrade, analisando as formas de empregar a expressão “música popular” em *Weco* – e será visto oportunamente – ou de Clarissa Lapolla Bomfim Andrade, ao estudar a *Gazeta Musical* do Rio de Janeiro. Ambas reafirmam o fato de que o caminho de exploração é fértil.

Meu objetivo aqui é analisar a relação entre alguns musicólogos que tomaram a dianteira na organização de periódicos e seus pares visando entender a participação de Mário de Andrade na *Revista Brasileira de Música (RBM)*. À primeira vista, e de maneira empírica, tem-se a impressão de que havia um perfil intelectual associado a alguns músicos que participaram das redações destas revistas, como Antonio de Sá Pereira e Mário de Andrade, trabalhando entre 1923 e 1924 para *Ariel*, Luciano Gallet, entre novembro de 1928 e abril de 1931 para a *Weco*. Assim, uma das perspectivas possíveis seria estudar se houve uma “genealogia” entre aqueles, pois todos se conheceram em alguma circunstância, ou se houve um apelo diferente para o funcionamento das publicações. Neste segundo caso, imagino que o apelo pudesse atender a um projeto comercial – como o da mencionada *Weco* – ou institucional – como a *RBM*. Ou seja, pretendo analisar a existência – ou não – de uma sintonia entre os atores/autores que sustentaram o funcionamento dos periódicos de música a partir da segunda metade da década de 1920, a construção de uma rede entre aqueles musicólogos que anteciparam e conduziram à criação da revista do Instituto Nacional de Música seguindo uma ordem “genealógica”: Mário de Andrade – Luciano Gallet – Luiz Heitor Corrêa de Azevedo. Como foi visto, idealmente a esta trinca seria necessário incluir o nome de Sá Pereira, o que demandaria esforço que o tempo e a finalidade não permitem.

A *Revista Brasileira de Música*, é sabido, começou a funcionar em 1934, dez anos após *Ariel* e três após o falecimento de Luciano Gallet, fundador da *Weco*. No entanto, se faz necessário retroceder ao periodismo do início da década de 1920 porque o assunto é pouquíssimo estudado entre nós. Além disso, como as histórias das revistas da Associação Brasileira e do Instituto Nacional de Música – a *RABM* e a *RBM* – se



embaralham e são um dos temas das trocas de cartas entre Mário de Andrade, Luciano Gallet e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, será necessário me deter nos outros dois títulos. Assim, as correspondências trocadas entre esses intelectuais serão de utilidade, quais sejam, as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Luciano Gallet e entre Mário de Andrade e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo.

A correspondência de Mário de Andrade e Luciano Gallet, dividida entre os acervos do Instituto de Estudos Brasileiros e a Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola Nacional de Música, foi parcialmente explorada pelo escritor paulista quando ele prefaciou *Estudos de folclore*, livro que ele ajudou a viúva do compositor, Luísa, a organizar no início da década de 1930. Os demais documentos consultados estão todos no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros porque na década de 1980, após a publicação das missivas que ele recebeu, pela *Latin American Music Review* (Azevedo, 1980), o musicólogo carioca doou os documentos para a guarda daquela instituição. A troca de cartas entre os dois críticos de música iniciou em novembro de 1931 e adiante que nem todos os documentos mantidos em acervo foram publicados pela revista norte-americana. Ambos os diálogos epistolares, entre Mário de Andrade e Luciano Gallet e entre o primeiro e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, são objetos de estudos e merecem ser publicados com brevidade.

WECO: REVISTA DE VIDA E CULTURA MUSICAL

Diferentemente dos outros dois periódicos que serão analisados a seguir, a *Weco*, fundada em 1928 para ser a publicação da Casa Carlos Wehrs, era bastante associada à venda de produtos da editora e da loja que, aliás, não vendia produtos exclusivamente musicais. Apesar disso, os propósitos da publicação eram similares àqueles que animavam as revistas de música acadêmicas ou independentes. Nívea Maria da Silva Andrade estudou a coleção completa – de novembro de 1928 a abril de 1931 – objetivando “produzir uma história do conceito de ‘música popular’, como um meio de aprofundar o debate historiográfico sobre o próprio conceito de cultura popular” (Andrade, N., 2003, p. 21) e localizou a propaganda que apresentou os objetivos de *Weco*:

1. Informar os amantes da boa música sobre todos os acontecimentos musicais no Brasil e no estrangeiro.
2. Guiar e instruir os estudantes musicistas.
3. Propalar a pedagogia musical moderna
4. Estimular o amor à boa música.
5. Criar um ambiente de música nacional.²

² Gallet, Luciano. Cartão circular. Rio de Janeiro: Biblioteca Alberto Nepomuceno/UFRJ. Arquivo Luciano Gallet, pasta 17. Apud: Andrade, Nívea Maria da Silva. *Significados da música popular: a Revista Weco, revista de vida e cultura musical (1928-1931)*. Programa de pós-graduação em história social da cultura, Departamento de História da PUC-Rio, 2003, p. 10



Completando o quadro de funcionários da revista, e embora não seja clara a função de um “diretor artístico” de redação, Djalma de Vincenzi foi contratado como “diretor secretário”. Os preparativos para o lançamento de *Weco* começaram no início do segundo semestre de 1928 quando Gallet solicitou artigos a Mário de Andrade. Mas ele estava apurado, estressado com o prazo exíguo para redigir o *Compêndio de História da Música* e descrente da própria empreitada:

[...] você fica sabendo desde já que a coisa [*Compêndio de História da Música*] não vai valer nada. Tenho esperança de melhorá-la depois se acaso tiver edição nova.

Assuntos: Nessas condições você vê que é quase impossível eu escrever artigo que preste pra *Weco*. Acho mesmo que não escreverei nada nem pro mês de novembro como você pede. Não tenho tempo e os capítulos do *Compêndio* que eu podia mandar algum não creio que possa interessar e ter valor. Em todo caso veremos. Do *Ensaio* não posso mandar nada mais porque já vou mandar um capitulinho pra *Movimento* e talvez o livro saia antes do número de novembro da *Weco*. Em todo caso se este número sai no princípio do mês posso mandar alguma coisa do *Ensaio*. Mande dizer se quer.³

Gallet, compreensivo, insistiu em receber “qualquer coisa do *Ensaio*”, publicando um pequeno trecho da obra. O segundo número de *Weco*, editado em dezembro, trouxe “Critério duplo de música brasileira”, breve conjunto de parágrafos extraídos do início do livro de Mário de Andrade (Andrade, M., 1928). No entanto, o diretor artístico queria mais, precisava de uma colaboração maior oriunda de São Paulo, e solicitou, cansado, em maio de 1929:

Você não arranja aí, alguém de confiança sua que faça conferência mensal sobre movimento musical em S. Paulo, para *Weco*? Por enquanto é só trabalho. Mas dentro em breve poderá haver explicação.⁵

Durante o ano de 1929, com o *Ensaio sobre Música Brasileira* e o *Compêndio de História da Música* concluídos, Mário de Andrade encontrou a calma necessária para atender a uma promessa antiga porque Luciano Gallet vinha escrevendo e editando

³ Carta de Mário de Andrade para Luciano Gallet, 30 de setembro de 1928. Coleção Luciano Gallet, Biblioteca Alberto Nepomuceno, Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ Carta de Luciano Gallet para Mário de Andrade, 4 de outubro de 1928. Autógrafo a tinta preta, papel branco, MA C CPL 3377, Fundos Mário de Andrade, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

⁵ Carta de Luciano Gallet para Mário de Andrade, 14 de maio de 1929. Autógrafo a tinta preta, papel rosa pautado, MA C CPL 3381, Fundos Mário de Andrade, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.



peças corais e para piano, processo de criação partilhado nas cartas trocadas entre eles, e o crítico paulista planejava há tempos publicar uma resenha. Assim, “Luciano Gallet e sua obra” veio a público concomitantemente para os leitores do *Diário Nacional* – a 8 de outubro de 1929 – e no número 8 de *Weco*. Seis meses passados, a página central da revista de maio anunciou “As Canções Populares de Luciano Gallet e as críticas de Mário de Andrade” onde algumas frases de artigo anterior foram aproveitadas para auxiliar na publicidade da obra. Não se pretendia o ineditismo de opiniões uma vez que a redação de *Weco* esclareceu tratar-se de “Extratos de uma série de estudos sobre as ‘Canções Populares Brasileiras’ publicadas no ‘*Diário Nacional* de S Paulo’ de 22-25 e 27 de dezembro de 1927”. (Andrade, M., 1930)

Após os primeiros números, a revista iniciou o ano de 1930 com uma estrutura consolidada, o que facilita perceber que as grandes mudanças daí para a frente se operaram sobretudo na vida política do país e das instituições, as de música aí compreendidas. Suas páginas não escondiam que a mudança de governo se propunha a escutar também os apelos da classe artística que se movimentava para pleitear melhorias, movimentos que conclamavam novos colaboradores, como o jovem crítico Luiz Heitor Correa de Azevedo. Escrevendo desde 1928 para *O Imparcial* e, no ano seguinte, passando a colaborar para *A Ordem*, na revista da Casa Carlos Wehrs a estréia se deu analisando a obra de João Nunes, em março de 1930. Cinco meses após, em agosto, foi a vez da estréia de Arnaldo Estrella, agora redator chefe, ao lado de Djalma de Vincenzi. O batismo do jovem pianista, aliás, foi dos mais barulhentos uma vez que ele escreveu o artigo “O compositor e o intérprete brasileiro” e, em dezembro de 1930, “O Ministério e a música”.

A poucos meses de inteirar seu segundo aniversário, os números 5 e 6 de *Weco*, publicados juntos nos meses de junho e julho, apontaram para o envolvimento crescente da classe musical que orbitava em torno do Instituto Nacional de Música: as campanhas para a melhoria do ensino e da formação musical se intensificaram e Gallet lançou as bases para a fundação da Associação Brasileira de Música.

Apesar do tema escapar ao meu foco imediato, importa destacar que aqui reside o germe da própria *Revista Brasileira de Música*. Em torno da redação da *Weco* estavam Luciano Gallet e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo que, junto à Associação desenvolveram um segundo periódico que, por sua vez, colocará à prova algumas soluções adotadas por este último na *RBM*.

Mas, com a saúde frágil, dublê de compositor, professor de piano e diretor artístico, Gallet já estava cansado e em agosto de 1930 contou para Mário de Andrade:

Gozei uns dias estupendos na *Cremerie*, perto de Petrópolis, e quando voltei a ABM andava bem sossegadinha, descansando também. Junto está Nota sobre que saiu na *Weco*, que ainda não saiu. Parece-me que peço



um descanso dela. Muito demorado, absorvente, e pouco compensador, mormente dependendo sempre de segundos e terceiros. Mas se assim for já terei feito qualquer coisa; e que ao menos a ABM vá pra frente.⁶

A REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MÚSICA

A Associação Brasileira de Música foi fundada a 26 de junho de 1930 e a revista por ela publicada veio a luz dois anos após. Entre as duas datas dois fatos primordiais abalaram o mundo da música do Rio de Janeiro, ou seja, a Reforma do Instituto Nacional de Música, em 1931, encabeçada que foi pelo recém empossado Diretor da Escola, o compositor Luciano Gallet e, poucos meses após, a morte dele, a 29 de outubro do mesmo ano. Homem dinâmico, as ligações possíveis entre a revista da ABM e a centralidade de Luciano Gallet vão além da presença dele nos dois empreendimentos, porque até Carlos Wehrs, proprietário da *Weco*, aqui aparece como sócio benemérito da Associação (Andrade, N., 2003, p. 12).

A *Revista da Associação Brasileira de Música* era de formato pequeno, quando comparada à *Revista Brasileira de Música*. Tinha 23 centímetros de altura e 15,5 de largura, assemelhando-se à *Weco*. Em números de páginas a publicação também pode ser entendida como de pequeno porte, se consideradas as 26 impressas para a circulação de seu primeiro número, e tendo-se em conta que ela não podia abrir mão da propaganda.

O primeiro número da *RABM* circulou em 1932, foi editada no segundo trimestre e a edição seguinte, aglutinando os segundo e terceiro números, trouxe a indicação dos terceiro e quarto trimestres do mesmo ano. O atraso teve seus motivos porque, no final daquele exemplar, uma nota explicava que os problemas eram devidos ao “recente movimento armado de S. Paulo”. Superado o primeiro momento de tensão pós revolução, a partir de 1933 a revista obedeceu a periodicidade publicando quatro números e o último, de números 8 e 9, saiu no primeiro semestre de 1934. Pedro Aragão caracterizou muito bem a *RABM*:

Era constituída por seções sobre lançamentos fonográficos, edição de partituras, atividades musicais em diferentes estados brasileiros (para a qual contava com colaboradores regionais) e continha artigos de intelectuais importantes como Mário de Andrade, Andrade Muricy, Renato Almeida, entre outros. O próprio Luiz Heitor se encarregava de fazer resenhas de concertos e da “vida musical” da cidade do Rio de Janeiro. (Aragão, 2005, p. 43)



Mário de Andrade contribuiu em duas oportunidades para o periódico, na condição de correspondente da seção “Movimento Musical”, trazendo notícias sobre São Paulo. Estes dois trabalhos figuraram no número inaugural da *Revista* – ao lado de Luiz Heitor, Andrade Muricy, Antonieta de Souza, Egydio de Castro e Silva, Nicolau dos Santos, Frei Pedro Sinzig e Octavio Bevilacqua – e no último, no mesmo número em que Silva Phebo anunciou o lançamento da segunda edição do livro dele, o *Compêndio de História da Música*.

São Paulo e Rio de Janeiro viviam situações políticas que apresentavam oportunidades diversas para as realizações artísticas e Mário de Andrade sabia disso. O “Movimento” de São Paulo, no primeiro trimestre de 1932, foi fortemente abalado pela “instabilidade política em que nos debatemos”, as sociedades musicais “jazem moribundas”. Na Capital Federal, por outro lado, contava-se ao menos com uma orquestra sinfônica, regida por Francisco Braga e Lorenzo Fernandez, e uma filarmônica, sob a batuta de Burle Marx.

O periódico nutria os interesses de pesquisa do musicólogo que à época trabalhava diuturnamente debruçado sobre as melodias que colhera na viagem ao Norte e Nordeste entre 1928 e 1929. Desejoso de estabelecer comparações e conhecer melhor as manifestações musicais do resto do continente, destacou a matéria de Emirto de Lima, “Várias manifestações folclóricas na costa colombiana do Atlântico”, publicada no número 5, de 1933. Mário de Andrade manteve o texto, traduzido por Luiz Heitor Corrêa de Azevedo em sua biblioteca visando alimentar os verbetes do *Dicionário Musical Brasileiro*.

Embora contasse com grande número de amigos que moravam no Rio de Janeiro, Mário de Andrade também podia se inteirar das temporadas dos conjuntos e associações através das páginas da *Revista* da Associação. A edição do terceiro trimestre de 1933 provavelmente aguçou sua vontade de escutar música ao ler o balanço das atividades de um centro artístico musical; uma academia brasileira de música, uma associação brasileira de música e uma associação dos artistas brasileiros. A temporada de concertos ocupava os espaços do Instituto Nacional de Música, da União Artística Lítero Musical, além do próprio Teatro Municipal que foi servido pela Orquestra Villa-Lobos, sob regência do compositor; a Orquestra Filarmônica, com Burle Marx à frente; e a Sociedade de Concertos Sinfônicos, com Francisco Braga e A. Spedini – notícias que foram publicadas na coluna “Pelo mundo das artes” (*RABM*, p. 72, a.2, n.6).

Em abril de 1932, ou seja, no início do segundo trimestre, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo anunciou a Mário de Andrade que a revista da Associação atrasaria porque ele se ausentaria do serviço ao viajar para Curitiba (PR). A informação, aparentemente trivial, aponta dois fatos apreciáveis: em que medida o atraso na edição da revista deveu-se à “instabilidade política” originada pela Revolução paulista de 1932 e em que medida se deveu ao afastamento temporário de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo? Por outro lado, se o diretor do periódico não podia se afastar do trabalho por alguns



dias, pois isto acarretaria prejuízo ao bom andamento do cronograma, significa que a estrutura da revista girava em torno dele, era ele a “alma” do negócio.

A sobrecarga de trabalho de Luiz Heitor era um fato. Seu perfil biográfico, organizado para a Sociedade Brasileira de Musicologia, dá conta que entre 1930 e 1934, quando ele foi Secretário da Associação Brasileira de Música, foi também Bibliotecário do Instituto Nacional de Música, mantendo a carreira de compositor e pianista. A partir de 1934 ele foi eleito Presidente da Associação Brasileira de Música e, apesar de não se abrir com Mário de Andrade a respeito, isso se dava também devido à ausência de Luciano Gallet, que o introduzira naquela dinâmica de trabalho.

Dulce Martins Lamas também apontou para a importância dessa parceria entre Gallet e Luiz Heitor ao afirmar que “o encontro das aspirações comuns parece-nos ter sido o motivo principal de uma aproximação, de uma profunda amizade entre os dois musicistas cariocas” (Lamas, 1985, p. 17).

Discreto, em fevereiro de 1934, ao agradecer o recebimento do artigo que o amigo colaborador enviara de São Paulo, Luiz Heitor apenas solicitou o envio de mais matérias. Desta vez, o artigo intitulado *Fosca*, ensaio aprofundado sobre a ópera de Carlos Gomes, seria direcionado à recém fundada *Revista Brasileira de Música*. Na revista da Associação Luiz Heitor fora substituído por Alberto Pizarro Jacobina.

A REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA

A partir de 1931, o sucessor de Luciano Gallet na direção do Instituto Nacional de Música, Guilherme Fontainha, ao lado de Lorenzo Fernandez e Luiz Moretzsohn formaram a primeira Comissão diretora da *Revista Brasileira de Música* tendo Luiz Heitor Corrêa de Azevedo como Secretário da Redação. O posto provavelmente se explica pelo fato de que naquele momento ele era o bibliotecário da instituição, e é inegável que era dele a expertise para a tarefa, uma vez que acumulara experiências ao lado das revistas *Weco* e da *Revista da Associação Brasileira de Música*.

Para focalizarmos algumas maneiras pelas quais Mário de Andrade e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo partilhavam projetos e expectativas em relação a esta publicação, e uma vez que pela cronologia dela está inserida na última fase da vida do escritor, é importante recordar a dinâmica da publicação.

Em 1934 e 1935, tanto o primeiro quanto o segundo volume da *Revista Brasileira de Música* tiveram quatro fascículos; em 1936, ao invés de 4 fascículos separados, houve 3, sendo que o último aglutinava os de números 3 e 4; da mesma forma, o volume 4, de 1937, foi formado por dois fascículos duplos (1/2 e 3/4). Em 1938 a revista voltou ao formato trimestral, portanto, com 4 fascículos, o que se repetiu em 1940. Porém, nos anos de 1939 e de 1942 a 1944 houve apenas um fascículo e em 1941 a revista não foi publicada.



Parte do histórico da *RBM* pode ser acompanhado na troca de cartas entre Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e Mário de Andrade, o que é relevante para se estudar a última fase da vida do musicólogo paulista que faleceu em fevereiro de 1945, pouco após a publicação do último número da primeira fase do periódico. Outro aspecto de interesse nesse diálogo epistolar está no fato dele ilustrar a solidificação de uma amizade que se apoiou, inicialmente, na vontade de ambos homenagearem o amigo comum, Luciano Gallet. Aliás, quando Luiz Heitor foi empossado Presidente da Associação Brasileira de Música, solicitou a Mário de Andrade que proferisse uma palestra para homenagear o compositor, uma das celebrações organizadas com o mesmo intuito, mas a referida palestra, muitas vezes adiada, acabou por abordar tema bastante diverso. Mas em janeiro de 1934, animado com o início da *Revista*, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo escreveu para Mário de Andrade carta que escapou à publicação da *Latin American Music Review* já mencionada:

Rio, 22 de janeiro de 1934

Prezado Mário,

Como você verá pela carta circular do Fontainha, que já deve estar em seu poder, o Instituto N. de Música vai publicar uma grande revista trimestral de música. Tudo faz crer que isso venha a ser uma bela realização, e de minha parte, como Secretário de Redação da mesma, empenharei os maiores esforços pelo “êxito” integral da idéia, como nós a concebemos, sóbria e elevada, impondo-se pela autoridade do seu aspecto material e valor do seu conteúdo.

Aliás, pelo Lorenzo Fernandez [sic], que agora está em S. Paulo, e que é membro da “Comissão Diretora” da “Revista”, você já deve ter sabido mais detalhes do empreendimento.

Ora, como é natural, nenhum de nós, na “Revista” pensou que fosse possível lançar o seu 1º número sem incluir uma colaboração sua. Seria assim como uma espécie de fracasso...

Falando em colaboração adiantarei a você o que a circular já aludida não se referia: é que toda a nossa colaboração, embora muito modestamente, será remunerada. Sinto-me assim, pois, com mais liberdade para molestá-lo...

Para esse 1º número um assunto que me interessaria no mais alto grau é uma apreciação sobre as edições póstumas do Gallet agora aparecidas. Você compreende que tratando-se, principalmente de uma “Revista” oficial do Instituto de Música, é para nós, amigos do Gallet, grandemente significativa essa referência aos seus trabalhos de compositor e pesquisador emérito.



Como igual coisa eu lhe tinha pedido para a “Revista” da A. B. M. vai sem dizer que o dispense dessa segunda cacetada. Agora, faça questão essencial da primeira...

Bem caro Mário, não tomarei o seu tempo mais longamente. Peço responder por carta se é possível ou não o que lhe peço.

Receba um abraço do seu mto amigo e admirador.

Luiz Heitor⁷

As missivas seguintes registraram o passo a passo das amizades alimentadas à base de camaradagem e troca de experiências e Mário de Andrade escreveu oito artigos para o periódico do Instituto Nacional de Música, total que não inclui a segunda versão do artigo sobre a *Fosca*, mas soma as duas notícias sobre as atividades do Departamento de Cultura. “A obra póstuma de Luciano Gallet” apareceu no número 1 da revista, publicado em março de 1934, texto que chegou às mãos do Secretário da Redação poucos dias antes, conforme acusou a carta datada de 10 de fevereiro de 1934 (Andrade, M., março 1934, p. 49-53).

Algumas semanas após foi a vez do ensaio “A Fosca”, publicado no fascículo seguinte, mas junto com ele chegou na Redação um exemplar do recém-lançado *Música, doce Música*. No final daquele ano Mário de Andrade recebeu uma encomenda: Luiz Heitor pretendia um número especial da *Revista* e solicitou ao amigo e colaborador que escrevesse algo que abordasse as obras de Bach e Handel. Infelizmente não temos a resposta a este apelo, mas em junho de 1935 Luiz Heitor explicou que a revista estava atrasada e que “Origens das danças dramáticas brasileiras”, artigo programado para o exemplar do mês de março, estava prestes a ser publicado.

Mário de Andrade assumiu como Diretor do Departamento de Cultura em maio de 1935 e também foi bastante estudada a intensidade de seu trabalho como gestor daquele órgão do Município de São Paulo. No entanto, o silêncio subsequente entre os dois amigos deve-se aparentemente à perda da documentação porque não se tem notícias a respeito do encaminhamento do artigo “Uma sonata de Camargo Guarnieri”, publicado no segundo semestre daquele ano. Nova missiva onde eles falaram sobre a *RBM* só no mês de abril de 1936, oportunidade para partilharem os planos sobre as comemorações dedicadas à celebração do centenário do nascimento de Carlos Gomes.

A 15 de abril de 1936, escrevendo do Rio de Janeiro, o Secretário de Redação tinha o plano do trabalho pretendido em mãos. Tudo fora pensado em detalhes:

⁷ Carta de Luiz Heitor Corrêa Azevedo para Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1934. Autógrafo a tinta, papel timbrado “Revista Brasileira de Música”, MA-C-CPL n. 883, Fundos Mário de Andrade, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.



Revista Brasileira de Música

Número especial dedicado ao 1º centenário de A Carlos Gomes

- Ministro Capanema (Palavras de introdução)

- Dr Lauro Sodré (Palavras alusivas)

I RECORDAÇÕES PESSOAIS

- Maestro Francisco Braga

- “ Nicolino Milano

Ítala Gomes Vaz de Carvalho

Alfredo Gomes

Dr Sebastião Barroso

Rodrigo Octavio (Capítulos ainda inéditos, referentes a Carlos Gomes, do III volume das ‘Minhas memórias dos outros’

Dr Alfredo Nascimento Silva

II O HOMEM E SUA ARTE (História e crítica)

Octavio Bevilacqua (Carlos Gomes e o meio brasileiro. As Modinhas)

Eurico Nogueira França (Carlos Gomes e o ambiente social do seu tempo. Abolicionismo, República)

Luiz Heitor (Carlos Gomes folclorista...)

Paulo Silva (estudos de contraponto e fuga de Carlos Gomes)

Tapajós Gomes (Excerto do livro a publicar este ano)

Mario de Andrade

Afonso de Taunay

Arthur Imbassahy (Carlos Gomes na Bahia, em 1880)

Hermes Pio Vieira

Itala Gomes Vaz de Carvalho (A primeira de Colombo no R de Janeiro)

Dr Carlso Sussekind de Mendonça

Roberto Tavares

Enio de Freitas e Castro (A música vocal de câmara de Carlos Gomes)

III AS ÓPERAS (Histórico e análise musical)

Luiz Heitor (As primeiras operas. Noite do Castelo e Joanna de Flandres)

Brazilio Itiberê (Il Guarany - ? -)

Mario de Andrade(Fosca)

? (Salvator Rosa)

Salvatore Ruberti (Maria Tudor – Colombo)

J Itibere da Cunha (Lo Schiavo)

Andrade Muricy (Condor)



Oneyda Alvarenga
Miranda Netto

IV EPISTOLÁRIO

Luiz Heitor (correspondência de Carlos Gomes e Francisco Manoel)
Américo Lacombe (Cartas de Carlos Gomes ao Conselheiro Albino
Barbosa de Oliveira)

V CONTRIBUIÇÕES VÁRIAS

Roberto Seidl (Bibliografia geral e completa de Carlos Gomes)
Aluysio Rocha (Discografia de Carlos Gomes)
Paula Barros (Considerações sobre a tradução do libreto do Guarany)
Abrahão Carvalho (Catálogo descritivo das peças referentes a Carlos
Gomes, em sua biblioteca particular)
Romualdo Suriani (Descrição das relíquias de Carlos Gomes guardadas
em seu arquivo particular)⁸

Este volume especial da *RBM*, consagrado ao compositor campineiro, foi preparado com o requinte das boas edições. As páginas de abertura foram emolduradas para enfeixarem as saudações protocolares de Gustavo Capanema, Ministro da Saúde e da Cultura, e no lugar das “Palavras alusivas” de Lauro Sodré foram incluídos os textos de Raul Leitão da Cunha – Reitor da Universidade do Rio de Janeiro – e de Guilherme Fontainha. Em preto e vermelho a artista plástica Íris Pereira ilustrou os frisos que adornaram os textos inspirando-se em “motivos ornamentais de índios brasileiros”, aludindo ao último trajeto de vida do compositor campineiro que viveu em Belém, próximo, portanto, da arte Marajó.

Cabe um parêntese para analisar as alterações do projeto original, tendo em vista a importância da publicação e a oportunidade de cotejar o periódico editado com o documento enviado a Mário de Andrade acima reproduzido. A planejada seção sobre “Recordações Pessoais”, por exemplo, não trouxe o trabalho de Nicolino Milano, mas incluiu as contribuições de Sílvio Deolindo Fróes e de Arthur Imbassahy; na seguinte, houve um outro remanejamento, à medida que o nome de Mário de Andrade passou para a seção posterior, “As Óperas”; três colaboradores pretendidos estão ausentes, quais sejam, Hermes Pio Vieira, Carlos Sussekind de Mendonça e Roberto Tavares, e houve a inclusão de Egidio de Castro e Silva. Apesar das ausências, o terceiro segmento trouxe novidades como a matéria de Leo Laner e uma curiosidade, pelo fato de Luiz Heitor ter planejado, além de Brasília Itiberê e Miranda Netto, o nome

⁸ Anexo à carta de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo para Mário de Andrade, de 15 de abril de 1936. Datiloscrito a tinta azul, papel branco, MA C CPL 894, Fundos Mário de Andrade, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.



de Oneyda Alvarenga. Já a reedição do trabalho do musicólogo paulista, Mário de Andrade, sobre a *Fosca*, teve que ser contextualizada pelo Secretário de Redação:

O magnífico estudo que se vai ler, já foi publicado na *Revista Brasileira de Música* (vol I fasc.2). Reproduzimo-lo neste número especial, porque nenhum outro trabalho poderia ocupar o lugar aqui destinado a um ensaio histórico e crítico sobre a segunda ópera de C Gomes. O Autor teve a gentileza de acrescentar os exemplos musicais que não figuravam na primitiva publicação. (Nota da Redação)

Luiz Heitor insistiu, em duas missivas de maio de 1936, pedindo algo novo para a obra comemorativa; no dia 28 solicitou, ainda, que o amigo o ajudasse a convencer Gustavo Capanema a escrever nas páginas introdutórias, quase um desafio para Mário de Andrade, tendo em vista que se ele já era atarefado, que dizer de um Ministro? O tempo era “mercadoria de luxo” entre eles porque o musicólogo não teve como enviar contribuição original. Ao lado de Sérgio Milliet pelejava para erguer uma outra publicação, a *Revista do Arquivo Municipal*.

A revisão do farto volume sobre o compositor campineiro se estendeu por todo o segundo semestre de 1936 e no ano seguinte, em duas oportunidades Luiz Heitor foi recrutado para auxiliar na divulgação das atividades empreendidas pelo amigo: em 1937, ao divulgar os Concursos do Departamento Municipal de Cultura e ao publicar as “Normas para boa pronúncia da língua nacional no canto erudito” – documento sem assinatura que resultou dos debates alimentados durante o Congresso da Língua Nacional Cantada e que sabemos ter sido encaminhado por Mário de Andrade.

Com a súbita saída de Mário de Andrade do Departamento de Cultura e sua mudança para o Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1938, há um hiato no diálogo epistolar, até março de 1941. As dificuldades do trabalho do editor passaram, provavelmente, a ser acompanhadas pessoalmente, na rotina carioca de ambos. Após o regresso de Mário a São Paulo, as cartas recebidas demonstram que durante certo tempo Luiz Heitor chegou a acreditar que a situação de trabalho melhoraria, que a *Revista* receberia verba adicional para remunerar os autores e que ela seria impressa pelo Governo. O Secretário de Redação acumulara outras incumbências, como pesquisador e professor, até que em 1942, ao regressar dos Estados Unidos, solicitou demissão do cargo e a Comissão Editorial passou às mãos de Bernardo Eisenlohr e José Octaviano.

A penúltima colaboração de Mário de Andrade para a *Revista Brasileira de Música* foi “Scarlati”, texto publicado no mesmo número que festejou os 50 anos do musicólogo paulista onde a seu lado estão nomes como os de Camargo Guarnieri e Francisco Mignone homenageando o aniversariante. A última colaboração de Mário



de Andrade foi o denso ensaio sobre o cantor e compositor Cândido Inácio da Silva, autor do lundu *Lá no Largo da Sé*, bem como de modinhas que o musicólogo muito admirava. “Cândido Inácio da Silva e o lundu” foi publicado no décimo volume do periódico, no ano de 1944, tendo na Comissão Diretora os professores Antonio de Sá Pereira – Presidente – Luiz Heitor Correa de Azevedo e Bernardo Eisenlohr. Com esta “trinca” na retaguarda poder-se-ia imaginar vida longa e de sucesso para a revista que passava a contar com a redatora Cleofe Person de Mattos. Ciosa de seus deveres, a 2 de novembro escreveu para o autor por terem sido “observados certos enganos” em uma das partituras enviadas para a ilustração da matéria. Aventando a possibilidade do musicólogo ter optado pela manutenção dos enganos que se apresentam na edição original, além de consultá-lo enviava as novas cópias para que ele decidisse o que preferia ver estampado no periódico. No verso da carta, o encaminhamento de Mário de Andrade, através de seu secretário, José Bento Faria Ferraz, não deixa dúvidas quanto à decisão tomada:

Zé Bento

Responda por você, como meu secretário, dizendo que aí voltam as músicas com as correções devidas. E que eu agradeço e me recomendo⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego da correspondência de Luciano Gallet, Mário de Andrade e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo contribui de forma significativa para o conhecimento da história do periodismo musical quando consideradas as revistas *Weco*, a da Associação Brasileira de Música e a *Revista Brasileira de Música*. Embora os textos integrais das cartas analisadas não tenham sido expostos, pode-se afirmar que elas demonstram a cordialidade na amizade e nas relações entre aqueles homens, encaminhando convites e discutindo as possibilidades de datas e colaborações. No entanto, esta contribuição se limita a fatos episódicos, porque eles não discutem a edição ou a gênese dos artigos ou o respeito aos estilos de escrita. Há que se ressaltar, porém, que o diálogo de Mário de Andrade e Luciano Gallet inclui esta possibilidade de análise uma vez que é volumoso, reúne centenas de documentos. Mas tais discussões não dizem respeito à atividade periodística, debatem temas de interesse comum, não concernentes aos títulos publicados em *Weco* ou na *Revista Brasileira de Música*.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Clarissa Lapolla Bomfim. *A Gazeta Musical (Rio de Janeiro, 1891-1893): Positivismo e missão civilizadora nos primeiros anos da República no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. São Paulo; Editora da UNESP, 2013.

Andrade, Mário de. “As canções populares de Luciano Gallet ...” *Weco*, ano 2, n. 4, p. 18-19, maio 1930.

Andrade, Mário de. “Critério duplo de música brasileira”. In: *Weco*, ano 1, n.2, p. 2-3, dez. 1928.

Andrade, Mário de. “A obra póstuma de Luciano Gallet”. *Revista Brasileira de Música*, v. 1, n. 1, p. 49-53, mar. 1934.

Andrade, Mário de. “A Fosca”. *Revista Brasileira de Música*, v. 1, n. 2, p. 117-124, jun. 1934.

Andrade, Mário de. “Origens das danças dramáticas brasileiras”. *Revista Brasileira de Música*, v. 2, n. 1, p. 34-39, mar. 1935.

Andrade, Mário de. “Scarlatti”. *Revista Brasileira de Música*, v. 9, p. 25-29, 1943.

Andrade, Mário de. “Candido Inácio da Silva e o lundu”. *Revista Brasileira de Música*, v. 10, p. 17-39, 1944.

Andrade, Nívea Maria da Silva. *Significados da música popular: A Revista Weco, revista de vida e cultura musical (1928-1931)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, 2003, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Centro de Ciências Sociais, PUC-Rio, 2003.

Aragão, Pedro Moura. *Luiz Heitor Correa de Azevedo e os estudos de folclore no Brasil: uma análise de sua trajetória na Escola Nacional de Música (1932- 1947)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

Azevedo, Luiz Heitor Corrêa de. “As minhas cartas de Mário de Andrade”. *Latin American Music Review*, v. 1, n. 1, p. 92-111, 1980.

Brito, Mário da Silva. “O Alegre Combate de Klaxon”. In: *Klaxon: mensário de arte moderna*. (Edição fac-similar). São Paulo: Livraria Martins; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de S Paulo, 1976.

Castagna, Paulo. “Periódicos musicais brasileiros no contexto das bibliografias e bases de dados na área de música”. *Anais do VII Encontro de Musicologia Histórica*, Juiz de Fora, 21-23 jul. 2006.



“Concursos do Departamento Municipal de Cultura”. *Revista Brasileira de Música*, v. 4, n. 3/4, p. 216, 1937.

Dimas, Antonio. *Tempos eufóricos: Análise da Revista Kosmos*. São Paulo: Ática, 1983.

Feres, Nites Therezinha. *Aurora de arte século XX: a modernidade e seus veículos de comunicação* – estudo comparativo. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, 1972.

Lamas, Dulce Martins. “Luiz Heitor, uma personalidade na música universal”. In: Lamas, Dulce Martins (org.). *Luiz Heitor Correa de Azevedo: 80 anos de depoimentos/Estudos/Ensaios de Musicologia: Edição comemorativa*. São Paulo; Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Musicologia, Instituto Nacional de Música, Funarte, 1985.

Marques, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

Martins, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2008.

“Normas para boa pronúncia da língua nacional no canto erudito”. *Revista Brasileira de Música*, n. 1, p. 1-35, mar. 1938.

Oliveira, Cláudia de. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamons, 2010.

“Pelo mundo das artes”. *Revista da Associação Brasileira de Música*, a.2, n.6, p. 72-74.

Silva, M. Moreira da. “A música no Brasil”, *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, set.-out. 1921, apud Azevedo, Luiz Heitor Correa de. “Periódicos musicais do Brasil”. In: *Música e músicos do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1950, p. 76-80. Artigo de maio de 1946.

Sirinelli, Jean François. In: Rémond, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

FLÁVIA CAMARGO TONI é pesquisadora na área de música do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo desde 1987 onde, em 2006 prestou o concurso de Livre-docência e em 2009 foi aprovada em concurso para professora Titular. Orienta alunos de mestrado e doutorado em dois programas de pós-graduação, no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes e no próprio IEB. Antes de ingressar na Universidade trabalhou na Área de Música do Centro Cultural São Paulo onde estudou o acervo formado pela Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura. Disto resulta sua primeira publicação, em 1985, a seguinte, focalizando as notas de trabalho de Mário de Andrade sobre Villa-Lobos, também desenvolvida para a mesma instituição municipal, em 1987.